



Nayib Bukele em meio a seus apoiadores em San Salvador durante as eleições Alexander Peña/Xinhua

Bukele é reeleito por ampla margem em El Salvador, aponta boca de urna

Presidente popular pelo combate à criminalidade minou instituições ao buscar consolidar poder

Daniela Arcanjo

SAN SALVADOR Antes mesmo de as urnas serem fechadas neste domingo (4), El Salvador já contava com a reeleição de Nayib Bukele, 42, presidente licenciado do país.

Depois, pesquisas de boca de urna da CIP Gallup atribuíram a ele 87% das intenções de voto, e ele mesmo cantou vitória nas redes sociais, afirmando ter ganhado com mais de 85% das cédulas.

Com isso, ele deve se tornar o primeiro líder em 80 anos a ser reconduzido ao cargo no país —apesar do veto a reeleições previsto na Constituição. Até o fechamento desta edição, nenhum resultado oficial tinha sido divulgado.

Em um encontro com jornalistas uma hora depois do fechamento das urnas, Bukele negou estar acabando com a democracia. Ao contrário, disse, esta era “a primeira vez na história que temos democracia”. “E não sou eu quem diz isso, é o povo”, completou.

Os principais adversários de Bukele na corrida eram Manuel Flores, da FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional), e Joel Sánchez, da Arena (Aliança Renovadora Nacional) —membros das tradicionais siglas da esquerda e da direita salvadorenha, respectivamente.

Mesmo com uma clara vantagem na disputa deste final de semana, o presidente licenciado competiu como se tivesse adversários. O maior centro de votação do país, na região central de San Salvador, foi tomado de propagandas com o seu nome. Havia faixas em viadutos, tendas e cartazes estampando a letra “N” sobre um fundo azul celeste, marca do seu partido, o Novas Ideias.

Os itens descumpriam ordem do Tribunal Supremo Eleitoral (TSE), que proíbe atos de propaganda eleitoral a partir de três dias

“Esta é a primeira vez na história que temos democracia. E não sou eu quem diz isso, é o povo

Nayib Bukele
presidente licenciado de El Salvador, em entrevista a jornalistas após o fechamento das urnas

“Não concordo com a reeleição, em primeiro lugar, porque é inconstitucional

Jorge Hernández
eleitor salvadorenho

“Tenho 32 anos e nunca desfrutei da tranquilidade que tive nos últimos três anos na minha vida

Manuel Soreano
eleitor salvadorenho

antes da votação.

Não foram as únicas irregularidades denunciadas nos últimos dias —segundo o jornal La Prensa Gráfica, o governo gastou mais de US\$ 9 milhões (cerca de R\$ 44,6 milhões) na contratação de serviços de entrega de alimentos em diferentes pontos do país.

Ninguém espera, contudo, que as denúncias avancem. Aparelhado por Bukele em sua trajetória de concentração de poder nos últimos cinco anos, o TSE tampouco agiu quando o governo se recusou a pagar o fundo eleitoral para a oposição, que fez uma campanha visivelmente menos opulenta em comparação com o Novas Ideias, sem receber nada dos US\$ 34,7 milhões (R\$ 171,6 milhões) previstos pela Lei dos Partidos Políticos.

Com sua provável permanência por mais cinco anos na Presidência, o ciclo político que fez as outrora poderosas siglas dominarem o cenário político após a guerra civil parece cada vez mais distante.

O trunfo de Bukele para conquistar vantagem tão ampla contra os adversários foi sua controversa estratégia para a segurança pública, responsável também por fazê-lo ganhar admiradores em toda a América Latina.

O tema foi citado por eleitores do presidente abordados pela Folha em San Salvador neste domingo como a principal razão pela qual pretendiam votar nele. “Tenho 32 anos e nunca desfrutei da tranquilidade que tive nos últimos três anos na minha vida”, disse Manuel Soreano, que votou no centro da avenida Olímpica pela manhã.

Assatisfação com a gestão do presidente não era, contudo, unânime ali. “Não concordo com a sua reeleição, em primeiro lugar, porque é inconstitucional”, afirmou o comerciante Jorge Hernández, 34.

Ele mencionou ainda o regime de exceção que Bukele

mantém no país há dois anos. “Esse instrumento é para uma guerra ou emergência civil, porque ele suspende garantias constitucionais”, completou, citando amigos inocentes presos.

Foi por meio desse estado de exceção, já prorrogado 22 vezes, que o político desarticulou as gangues que faziam El Salvador aparecer entre os países mais violentos do mundo.

Ao mesmo tempo, prendeu mais de 70 mil pessoas, tornando a pequena nação centro-americana o país que mais detém cidadãos do mundo em termos relativos. Segundo o grupo de assistência legal Socorro Jurídico Humanitário, já houve pelo menos 224 mortes de pessoas sob a custódia do Estado desde o início do estado de exceção.

A velha conhecida política linha-dura para a criminalidade na América Latina foi levada às últimas consequências por Bukele, efeito do poder que ele conquistou ao longo dos últimos cinco anos.

Dono de um discurso ao mesmo tempo agressivo contra seus antecessores e apoteótico sobre o que chama de uma nova era em El Salvador, ele acelerou a corrosão democrática no país depois que seu partido, o Novas Ideias, elegeu dois terços da Assembleia, em 2021.

Ter maioria no Legislativo foi a chave para substituir os juizes que compunham a Corte Constitucional por aliados; demitir o procurador-geral e, assim, barrar investigações que chegavam perto dele; e, por fim, prolongar indefinidamente o estado de exceção.

A ofensiva fez o país ser rebaixado de uma democracia para uma autocracia eleitoral pelo instituto sueco V-Dem em 2023. Para a entidade, isso significa que as instituições nacionais não estão funcionando a ponto de a nação poder ser considerada um regime de



Área: 21.041 km² (pouco menor que Sergipe)
População: 6,4 milhões (pouco maior que a da cidade do Rio de Janeiro)
Moeda corrente: dólar (principal), colón e bitcoin
PIB: US\$ 32,49 bilhões (o do Brasil é US\$ 1,92 trilhão)
PIB per capita*: US\$ 11.098 (o do Brasil é US\$ 17.828)
IDH: 125ª posição entre 190 países (Brasil está na 87ª)

* Com paridade de poder de compra
Fontes: Banco Mundial, ONU, IBGE e CIA World Factbook

mocrático, apesar de eleições acontecerem periodicamente.

A expectativa é de que a espiral autoritária na qual o país mergulhou desde 2019 se aprofunde caso a reeleição do presidente se confirme.

“Bukele tem um plano de muitos anos de consolidação no poder”, afirma Jeser Caleb, do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação da Universidade Francisco Gavidia.

Para tentar consolidar sua “supermaioria” na Assembleia, o político mudou diversas regras eleitorais nos últimos 12 meses, dentre elas o número de deputados que compõem a Casa e os cálculos para eleger um parlamentar.

A decisão da Corte Constitucional que deu o aval para que ele concorresse novamente à Presidência permite que ele dispute o cargo apenas neste ano. Por isso, se quiser se manter no poder —e, talvez, derrubar o veto da Constituição à reeleição—, ele precisa garantir aliados no tribunal e na Procuradoria-Geral. A Assembleia é fundamental nesse processo, já que é a responsável por eleger pessoas para esses postos.

“A intenção de permanecer no poder atende à necessidade de obter impunidade e proteção diante de possíveis investigações no futuro. Para evitar isso, a única maneira é sempre se reeleger, como Daniel Ortega, na Nicarágua, ou Nicolás Maduro, na Venezuela”, diz o cientista político da Universidade Centro-Americana Álvarez Artiga.

Após o fechamento das urnas, no entanto, Bukele disse a jornalistas considerar “desnecessária” uma reforma constitucional para incluir reeleições indefinidas.

Agora, após serem varridos para fora da vida política, os partidos de oposição estão em uma encruzilhada. Criticar os abusos do estado de exceção de Bukele é dar munição para o líder, que diz que a volta ao poder de seus opositores significará o retorno das pandilhas, como são chamadas as gangues criminosas, às ruas.

Mas se confirmada sua eleição, Bukele tem o desafio de dar fôlego à cambaleante economia salvadorenha enquanto tenta seguir convencendo as famílias que estão sem ver seus parentes presos há dois anos de que isso não viola seus direitos.